

CONVERSAÇÕES  
SOBRE A  
PINTURA, ESCULTURA,  
E  
ARCHITECTURA.

Escriptas , e dedicadas aos Professo-  
res , e aos Amadores das bellas  
Artes.

P O R \* \* \*



L I S B O A . M . D C C . L X X X I V .

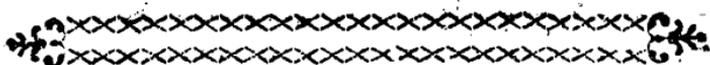
---

NA Of. de SIMÃO THADDEO FERREIRA.

---

*Com Licença da Real Mesa da Commissão Ge-  
ral sobre o Exame e Censura dos Livros.*





## II.<sup>a</sup> CONVERSAÇÃO.

*Angelica.* **H**E certo que vós deveis a meu Tio muita amizade, porque se lhe conhece, depois que vos tem por hospede, huma alegria extraordinaria.

*Honorato.* Sempre o Senhor Lizio teve hum excellente coração, e o seu merecimento era tão conhecido em Veneza, que eu, e os meus amigos lhe davamos todos hum dos primeiros lugares em a nossa estimação.

*Ang.* Elle nos entretinha muitas vezes do bom tempo que alli passava comvosco; e mal pensavamos então que viriamos ainda a conhecer-vos.

*Hon.* Eu considerarei sempre este

acaso como o mais feliz da minha vida.

*Ang.* Meu Tio vem , dai-me licença para que me retire.

*Lizio.* Angelica , deixa-te estar , e sentemo-nos todos para acabar de ouvir ler o Tratado da verdade , se o senhor Honorato quizer fazer o favor de o profeguir.

*Hon.* Antes será melhor tornar ao principio , tanto mais , quanto eu já não sei donde tínhamos ficado.

*O meu desígnio he fallar sómente do que pertence á Pintura , e dizer quanto o Pintor interessa em se fazer capaz de a bem exprimir.*

„ Antes porém de entrar no discurso havemos reflectir , que não obstante ser o objecto natural verdadeiro , e o pintado fingido , nós chamamos verdade a esta mesma ficção , quando ella imita perfeitamente o caracter do seu modelo-

délo. He pois esta verdade pintoresca, que eu pertendo descobrir, para mostrar o seu valor, e a sua absoluta, e indispensavel utilidade.

Ha tres fortes de verdade, em Pintura: 1.<sup>a</sup> A verdade simples; 2.<sup>a</sup> A verdade ideal; 3.<sup>a</sup> A verdade composta, ou perfeita. A simples, a que eu chamo primeira verdade, he huma imitação fiel dos movimentos expressivos da Natureza, e dos objectos, taes como elles se appresentão á vista do Pintor que os escolheo, de forte que as encarnações pareção verdadeiras carnes, as roupas, verdadeiras fazendas de linho, de lã, ou de seda; e que cada objecto em particular conserve o verdadeiro caracter da sua natureza, dando-lhe hum vulto apparente pela boa intelligencia do claro-escuro, e da união das cores; e hum tom harmonioso pela

exa-

exac̃ta degradação da cor local , e da perspectiva aerea.

Esta verdade simples acha em todas as fortes de naturaes os meios de conduzir o Pintor ao seu fim , que he huma sensivel , e viva imitação da Natureza , de forte que as figuras pareção , por assim dizer , que se destacão do quadro , para entrar em conversação com os espectadores.

*Ang.* Que se destacão , he hum termo que eu não entendo bem.

*Hon.* He palavra Italiana , mas que os Pintores de muitas nações tem adoptado , e vale o mesmo , que se despegão , que sahem para fóra , &c. Devemos advertir que na idéa da verdade simples não devem entrar as perfeições de que ella póde ser ornada pelo genio do Artista , ou pela theoria da Arte.

A verdade ideal , ao contrario da

( 7. )

da simples , he huma escolha de diversas perfeições , que nunca se achão unidas em hum só modelo , mas que se extrahem de muitos , e ordinariamente do antigo.

*Ang.* Dai-me licença para que ainda vos faça huma pergunta. Que quer dizer antigo?

*Hon.* Em termos da Arte , chama-se antigo ás poucas Pinturas , muitas Esculturas , e fragmentos de Architectura que nos restão dos bellos seculos dos Gregos , e Romanos. Nellas , e principalmente nas boas Estatuas do tempo de Pericles de Alexandre , de Augusto , e de Trajano , e Adriano , se acha unida ao natural huma idéa de belleza que não se descobre hoje , e talvez nunca existisse em pessoa alguma do nosso globo.

*Ang.* Huma cousa que nunca existio , he fantastica , e por consequente-

sequencia mentirosa ; logo não pôde contribuir para a imitação de nenhuma fonte de verdade.

*Hon.* Todos os que não são ainda bem iniciados nestes mysterios , considerão estas cousas como incompatíveis. A explicação , ainda que interessante , e absolutamente necessaria , não só aos que querem ser Pintores , mas ainda aos curiosos , que desejão ter humma verdadeira idéa da belleza , seria affaz longa ; razão por que , se o approvais , differa que a deixassemos para outro dia.

*Liz. e Ang.* Pois não ?

*Hon.* A verdade ideal comprehende a abundancia dos pensamentos , a riqueza das invenções , a conveniencia das aptitudes , a elegancia dos contornos , a escolha das bellas expressões , a nobre simplicidade das roupas ; em fim , tudo

do o que pôde sem alterar a primeira verdade , fazella mais picante , e mais conveniente. Mas todas estas perfeições applicadas á Pintura , não podendo subsistir sem em idéa , tem necessidade de hum fugeito legitimo que as conserve , e que as faça apparecer vantajosamente ; e este fugeito he a verdade simples , verdade , que subsiste por si propria , e que só pôde temperar as perfeições que a acompanhão , pois só ella as anima , e as faz brilhar. E se não pôde conduzir á imitação sublime , ou escolhida , conduz ao menos á imitação da natureza que he o essencial da Pintura. Bem se sabe que a verdade ideal guia o Pintor por huma rota mais elevada , mas pela qual , não podendo chegar ao fim da sua arte , he constangido a ficar no caminho , e a ficar para sem.

sempre se senão valer da simples verdade. Isto supposto parece que ambas ellas devem compor hum todo perfeito, e se devem mutuamente foccorrer, com tanto que a simples penetre, e appareça sempre por entre todas as perfeições alheias, com que a quizerem enfeitar.

A terceira verdade, composta da simples, e ideal, faz o complemento da Arte, e a perfeita imitação da hella Natureza. He este bello verosimil, que muitas vezes parece mais verdadeiro, que a mesma verdade, porque nesta combinação a verdade simples prende o espectador, salva muitas negligencias, e se faz sentir insensivelmente primeiro que tudo o mais.

Esta terceira verdade he hum alvo, aonde ainda ninguem acertou. Os mais habéis são os que tem  
da-

dado mais perto. A simples , e a ideal tem tido partidistas , segundo o genio , e a educação dos Pintores que as tem possuido. Jorzão , Ticiano , Podernon , o Palma Velho , os Bassanos , e toda a Escola Veneziana seguirão a primeira : mas a segunda teve por seguidores Leonardo de Vinci , Rafael , Julio Romano , Polydoro , Pouffin , e outros. Rafael , além das bellezas ideaes , possuiu huma parte consideravel da verdade simples , por cujo motivo se aproximou á verdade perfeita , mais que nenhum outro da sua Nação. Com effeito parece que para bem imitar a Natureza na sua variedade , este inimitavel Pintor , se fervia de tantos naturaes differentes , quantas são as diversas figuras , que elle queria representar. Se mudava alguma cousa , era tão sómente para fazer

as feições mais regulares , e mais expressivas , conservando sempre a verdade , e o caracter singular do seu modelo. Ainda que elle não conheceo inteiramente a simples verdade nas outras partes da Pintura , tinha com tudo hum tal gosto pela verdade em geral , que ainda nas cousas menos significantes consultava a natureza , e as desenhava sobre o papel effectivamente como ellas erão , e só transportando-as ao quadro he que as emendava segundo a idéa que tinha da belleza do antigo : conducta admiravel , que contribuiu muito para o elevar acima de todos os Pintores modernos.

Como a verdade perfeita he hum composto da simples , e ideal , pode-se dizer que os Pintores são habéis , segundo o gráo em que elles possuem as partes de ambas , e segun-

gundo a facilidade que tem adquirido de fazer dellas hum bom uso na sua composição.

Depois de ter estabelecido a verdade da Pintura devemos examinar, se os Pintores que tem exaggerado os contornos das suas figuras, para parecerem sábios, não tem desprezado a verdade, sahindo dos seus limites, simples, e regulares.

Como os Pintores dão o nome de *caricatura* a tudo o que he exaggerado, ou encarecido, e todo o encarecimento se aparta do verosímil, he certo que qualquer caricatura fica sendo incompativel com a verdade que nós acabamos de estabelecer. Com tudo ha contornos exaggerados que agradão, por serem mui superiores á baixeza aparente do natural ordinario, e tem hum ar de liberdade, e hu-

ma certa idéa de Magisterio, que impõe á maior parte dos Pintores, os quaes dão o nome de grande maneira a esta sorte de exaggerações.

Mas aquelles que tem huma verdadeira idéa da correcção, da simplicidade regular, e da elegancia da Natureza, desapprováo estas caricaturas, que alteráo sempre a verdade. Não se póde com tudo deixar de louvar em algumas grandes obras as cousas exaggeradas, quando a distancia donde háo de ser vistas, he sufficiente para as adoçar, ou quando são empregadas com huma discrição, que faz mais sensível o carácter da verdade.

Alguns Pintores em diversos tempos, longe de procurarem huma justa moderação no seu desenho, tem antes affectado excessivamente os contornos, e pronunciado os  
 mus-

musculos muito além dos termos que prescreve a Arte , querendo deste modo passar por habeis em a Anatomia , e dar hum tal caracter ao seu desenho que podesse attrahir a estimação da posteridade. Mas esta pertençaõ , assim como os seus quadros tem hum certo ar de pedanteria , mais capaz de diminuir a belleza das obras , que de augmentar a reputação dos seus Authores.

He verdade que o Pintor he obrigado a saber a Anatomia , e as exaggerações picantes que della derivão , porque a Anatomia he o fundamento do desenho , e que certas exaggerações podem conduzir á perfeição aquelles que sabem aproveitar , ou regeitar o que he preciso , para unir a correcção do desenho com o bom gosto da Pintura. Ellas parecem muito agradaveis

veis nos desenhos, que nunca são mais que huns pensamentos dos quadros; e o Pintor sábio pode se utilmente servir das caricaturas quando começa, ou esbôça a sua obra; mas deve-as evitar com o maior cuidado, quando quer que o quadro appareça na sua perfeição.

Em fim as Estatuas antigas que tem passado em todos os tempos pela regra da belleza, como tambem as obras dos seus sequazes, taes como Rafael, Pouffin, Dominichino, e outros, são isentas de toda a affectação, e caricatura.

A affectação não só defagrada, mas deprime a natureza pela contracção do máo habito, a que os Pintores chamão maneira. Para bem entender este principio, he preciso saber, que ha duas fortes de Pintores: alguns que são em pequeno número, pintão segundo os prin,

principios da sua Arte , e fazem obras em que a verdade , sendo af-faz sensível , podem prender o es-pectador , e causar-lhe muito pra-zer. Outros pintão sómente de prá-tica , por hum habito expeditivo que tem contratado de si propios, sem raciocinar , ou que tem to-mado de seus Mestres sem reflectir. A's vezes acertão , ou pelo acaso , ou pela retentiva , mas sempre são inferiores quando se servem do seu capital. Como raras vezes consul-tão o natural , e se o consultão, reduzem-no á sua maneira , já mais chegão a exprimir esta verdade , ou esta verosimilhança , que he o unico objecto do verdadeiro Pintor, e o fim da Pintura.

He certo que de todas as bellas Artes aquella , onde a verdade se deve achar mais visível , he sem dúvida a Pintura. As outras não

fazem mais que despertar as idéas das cousas ausentes , em lugar que a Pintura as supre inteiramente , e as faz presentes pela sua effencia , que não consiste só em agradar aos olhos , mas em os enganar. Apelles fazia os retratos tão verdadeiros , e tão semelhantes no ar , e em todas as partes do rosto , que hum certo Astrologo em os vendo , dizia tudo o que era do temperamento da pessoa pintada , e as cousas que lhe devião succeder. Este grande Pintor tinha pois mais cuidado de observar a verdade nos seus retratos , que de os alterar para os favorecer. Com effeito a verdade tem tantos , e taes encantos nesta occasião , que deve ser preferida ao soccorro de huma belleza estrangeira , porque sem verdade os retratos não podem conservar mais , que huma idéa vaga,

e confusa dos nossos amigos , e não o verdadeiro carácter da sua pessoa.

Que se deve concluir de tudo isto , senão que ha na Pintura huma primeira verdade , huma verdade essencial , que conduz mais directamente o Pintor ao seu fim ; huma verdade animada , que não sómente subsiste , e vive por si mesma , mas que dá a vida a todas as perfeições de que ella he susceptivel , e de que a quizerem revestir : e que estas perfeições não são mais que humas segundas verdades , as quaes por si só não tem movimento algum , ainda que fação muita honra á primeira , quando se unem com ella. E esta primeira verdade na Pintura he , como temos dito , huma imitação simples , e fiel dos movimentos expressivos da Natureza , e dos objectos , taes como elles se appresen-

tão aos nossos olhos , como a sua verdade , e o seu caracter.

Parece pois , que todo o Pintor que não sômente negligenciar esta primeira verdade , mas que não tiver hum grande cuidado de a bem conhecer , e de adquirir antes de todas as cousas , edificará lobre a arêa , e já mais será reputado por hum verdadeiro imitador da Natureza ; e que toda a perfeição da Pintura consiste nas tres fortes de verdades , que nós acabamos de estabelecer.

*Liz.* Offerece-se-me huma dúvida. Ellá nasce da distincção que o Author ahi faz deffas tres verdades , porque me parece que a verdade deve ser só huma ; e que o Pintor será tanto melhor , quanto elle imitar mais fielmente a Natureza.

*Hon.* O Author convém em que

a verdade simples he a effencial, que ella basta a fazer hum grande Pintor, e só diz que as outras são precisas ao que quer tocar a perfeição.

*Ang.* Porém a ideal não diz elle que se adquire principalmente pelo estudo do antigo?

*Hon.* Sem dúvida.

*Ang.* E os Authores do antigo, donde tirarão as Noções dessa verdade ideal?

*Hon.* Da bella Natureza.

*Liz.* Vamos pois á mesma fonte, porque em todos os casos he melhor imitar o original, que a cópia. As Estatuas, e Pinturas antigas são cópias da verdade natural, e por consequencia menos capazes que ella de nos conduzir á mais perfeita imitação.

*Hon.* Vós não fois o unico desse parecer. Falconet, o Escultor Francez que fez em bronze a Estatu

tua Equestre do Czar Pedro o Grande , chama ao estudo do antigo , *anticomania*. Elle escreveu muito contra as obras , e Authores da antiguidade , e principalmente contra a Estatua Equestre de Marco Aurelio. Hum Anonymo escrevendo a Winckelmannne allega contra a preferencia do antigo , e a favor do simples estudo da natureza , as authoridades de Sócrates , de Cliton , e de Lyssippo , todos tres estatuarios célebres : e em outro lugar ao mesmo assumpto diz : „ O Bernine foi „ hum daquelles genios raros , e „ felices , que produzem ao mesmo tempo as flores da Primavera , e os frutos do Outono ; e eu „ não penso que os estudos da natureza , a que elle se consagra „ unicamente , quando chegou a „ certa idade , o apartassem do caminho da perfeição. „

*Liz.*

*Liz.* Estas razões parecem boas , e o exemplo do Bernine he de hum grande pezo , porque além de muitos chéfes d'obra que lhe dão o maior credito , bastaria para o immortalizar a fonte que existe em Bellas na quinta dos Senhores de Pombeiro.

*Hon.* Na Italia ouvi fallar muito nessa fonte , e dizer que era huma das suas melhores obras. Em quanto ao mais ha muito que responder , e muitos que tenham respondido a Falconet , e ao Anonymo , mas já conviestes em que ficasse isto para outro dia.

*Ang.* Meu tio , eu gostaria de ouvir a este respeito a opinião de Mr. Etourdi. He , Senhor Honorato , hum Abbade Francez muito vivo , e erudito , mas espirito de contradicção. He tambem Poeta , faz bonitas cousas de escultura , he conhe-

ce-

cedor de Pinturas , e tem luzes de outras Artes, e Sciencias. Em qualquer materia defende o pró, e o contra. Huma vez lustenta que a Pintura deve ceder á Escultura, outra que ella excede todas as Artes de imitação, excepto a Poesia; mas se vós lho concedeis, muda de systema, e então he a Musica, ou a Astronomia, que deve ter a preferencia.

*Hon.* Em todos os tempos se tem agitado com muito calor semelhantes questões ao meu parecer sem algum fundamento. Os Gregos, que chegarão as sciencias humanas a hum alto ponto de perfeição, fazião muito caso de todas ellas. Honrarão tanto a Filosofia, e a Jurisprudencia, como prezavão a Agricultura, o Commercio, a Arte Militar, a Grammatica, a Rhetorica, a Poesia, a Historia, a Escultura,

a Architectura, a Pintura, e a Musica.

*Ang.* Mas he certo que humas devem ser mais difficultosas que outras.

*Hon.* Qual he mais difficultoso ás aves, ter a voz de Rouxinol, ou a plumagem do Pavão?

*Ang.* A difficultade he igual, porque a natureza lhes dá gratuitamente esses dois predicados.

*Hon.* Da mesma forte dá ella aos homens os diversos talentos, com tanto que elles achem os meios de bem os cultivar. Eu creio que tanto custou a Homero ser o maior Poeta, a Cyro e Alexandre os melhores Guerreiros; como a Lycurgo, a Socrates, a Demosthenes, a Aristarcho, a Tesifonio, a Fidias, a Timotheo, a Herodoto, e Apelles, cada hum de per si, ser optimo Legislador, Filosofo, Rhetor-

torico, Grammatico, Architecto, Escultor, Musico, Historiador, e Pintor. Como se demonstraria, por exemplo, que a Filosofia he mais difficil, que a Escultura, se Sócrates, e Luciano, sendo tão pequenos Escultores, forão tão grandes Filozofos?

*Liz.* Parece que tendes razão; com tudo poder-se-hia talvez dar a algumas dellas a preferencia, ou pela antiguidade, ou pela utilidade, ou tambem...

*Hon.* Eu a concedo, se quereis, á Filosofia, porque ella illustra o entendimento dos Actores para o acerto das obras, e o dos Expectadores para as saberem avaliar.

*Liz.* Vós pensais como o Duque de L. He hum Principe que tem muita erudição, e grande gosto. Tendo feito huma elegante, e bem entendida descripção poetica,

e pictórica das 5 Artes de imitação que fez pintar nas paredes de huma camera , quiz no Pannel do tecto a Filosofia , presidindo a todas , e como inspirando-lhes os felices acertos , que as fazem prezar tanto. Mas sem embargo de tudo isso , parece que ainda entre as outras Artes , deve haver mais e menos: v. g. entre a Poesia , e Musica , qual terieis por maior homem , Metastazio , ou David Peres ?

*Hon.* Suppondo que elles fossem iguaes em quanto Artistas , eu teria sempre por maior o que fosse mais bem versado na sã Filosofia.

*Ang.* Ainda me resta huma dúvida : eu a vou propôr , não por contrariar , mas para me instruir. Se os antigos , conduzidos só pela Natureza , e pelo genio , fizeram tão grandes progressos na Pintura ,

ra , (1) os modernos , que além do genio , e da Natureza , tem de mais as obras antigas , e as descobertas de tantos seculos , parece que devem ser melhores Artistas ?

*Hon.* A consequencia seria bem tirada , se os genios fossem os mesmos , se a perfeição da Natureza não declinasse , ou pela sua velhice , ou pelos nossos costumes , pelas enfermidades , pelos climas , &c.: e se os Sábios fossem tratados agora , como erão então. Alguma variedade nas causas fysicas , e huma total differença nas moraes tem ora levantado , ora descido , assim a Pintura , como as outras Artes , e Sciencias , porque quasi todos os grandes homens em todas ellas , como diz Paterculo , são contem-  
po-

---

(1) O mesmo que dizemos da Pintura , se deve entender das suas iguaes , e inseparáveis Irmãs , a Escultura , e a Architectura.

poraneos: os bons feculos tem sido só tres. O de Alexandre Magno na Grecia, o de Augusto em Roma, e o de Medicis na Italia. O 1.º que foi o melhor, começou no tempo de Pericles, e tendo durado 203 annos, acabou nos dos successores de Alexandre: O 2.º teve principio nos dias de Paulo Emilio, que levou da Grecia para Mestre de seus filhos, Metrodoro que era Pintor, e Filosofo: durou com esplendor até os de Adrianos, e nos de Phocas desappareceu totalmente, tanto pela brutalidade deste tyranno, como pelas invasões dos barbaros, que destruíráo, ou sepultaráo tudo quanto era capaz de despertar o gosto, e illustrar o entendimento. O terceiro começou em 1300 pela Academia estabelecida por Giotto em Florença, subio até o Seculo XVI., e de

de então para cá tem sempre declinado.

*Ang.* Parece que não deve ser indifferente aos curiosos, e principalmente aos que desejão ser Pintores, o saber de que modo, por quem, e em que tempo, e lugar foi a Pintura inventada; e quaes forão os degrãos, por onde os antigos a pudérão subir tão alto?

*Hon.* A origem da Pintura he muito incerta: alguns a attribuem a huma certa Corinthia natural de Sycione, que pela sombra retratára o seu amante em huma parede; outros a Filocles, e a Giges, Egypcios, ou a Cleantho, e Arcides de Corintho, ou em fim a Telefane Sicyonico; mas as suas obras erão tão informes, que elles escrevião o nome da pessoa, ou cousa retratada para se conhecer. Taes

erão, (diz hum Author moderno)

an-

antes da guerra de Troya, as primeiras tentativas de huma Arte, que soube depois immortalizar os Zeufis, e os Protogenes. Cleofante de Corintho 840 annos antes de Christo, inventou a Pintura Monochroma, isto he, de huma fó côr, a que chamão claro-escuro, ou camafeu. Eumarus foi o primeiro que pintou figuras inteiras, e Cymon seu discipulo imaginou os escorços, marcou as articulações, desenhou roupas, e variou ás attitudes.

Bularcho que vivia hum seculo depois de Cleofante, fez hum quadro da batalha dos Magnesios, contra Candaule Rei de Lydia. Este Principe o achou tão bello, que o cobrio de peças de ouro para o pagar. Agatarcho de Samos pintava as decorações do theatro, para as obras de Schilio, e escreveu sobre a Perspectiva.

*Liz.* Quem foi hum Pintor que não quiz acceitar dinheiro pelas obras que fez em Athenas, e em Delfos?

*Hon.* Foi Polignoto natural da Ilha de Tazos o primeiro que soube dar expressão aos rostos das figuras, e que lhes deo mais ligeireza, mais graça, e mais desembaraço. Coloria, e penteava bem as mulheres. Os Amfictyões lhe decretarão coroas de ouro, lugar distincto no theatro, e lhe concederão alojamento á custa do público em todas as Cidades da Grecia. Alguns dizem que este premio lhe foi concedido, por ter pintado a célebre batalha da Marathona, obra que quasi todos attribuem a Peneus, irmão de Fidias, que tambem foi Pintor, e retratou Pericles. Mr. Rollin na sua Historia antiga, ora a crê feita por hum, ora pelo ou-

tro.

tro. O certo he, que este Peneus no primeiro concurso de Pintura, feito em Corintho e Delfos, foi vencido por Timagoras, que compoz hum Poema da sua victoria. Plinio diz que ainda se lia no seu tempo.

*Ang.* Honras tão extraordinarias fazem suppôr grande superioridade de talentos.

*Hon.* Com tudo, passou ainda não menos de hum Seculo, antes que Apollodoro Atheniense, que viveo 400 annos antes de Christo des-se entrada aos bellos dias da Pintura, pela introducção da verdade ideal, e por hum excellente colorido; ainda que Zeuxis seu imitador o viesse com o tempo a exceder, como elle mesmo confessava. Parrasio foi o primeiro que observou a symmetria, e que deo vida, movimento, e acção ás figuras, e muito vulto aos corpos; fez bem

os cabellos, e era affaz êxpressivo. Thimante, célebre pelo sacrificio de Ifigenia, pelo Cyclópe, e por outras judiciosas composições, precedeo Pamphilo, que para a perfeição da arte, tirou muitas vantagens da cultura das bellas letras. Aristides ainda que secco (1) exprimio melhor que nenhum as paixões d'alma, e foi contemporaneo do grande Apelles.

*Ang.* Apelles devia ser hum homem incomparavel, para se poder distinguir entre tantos, e tão grandes Pintores?

*Hon.* Elle possuia em gráo tão superior a correcção do desenho, a força, a elegancia, o colorido, e

---

(1) Sêcco, ou duto, se diz que he o Pintor, quando elle nas suas obras colloca os claros muito ao pé dos escuros, sem deixar huma praça sufficiente de meia tinta; e quando os contornos são recortados, isto he; desunidos do seu fundo.

e mais que tudo a graça, que se fez sem contradicção o Pintor mais célebre, não só da Grecia, mas de quantos tem havido no mundo. Era filho de Pithio, discipulo de Pamphilo, e natural da Ilha de Cóos. A sua paixão pela Pintura foi tal, que além de dar hum talento cada anno pelas suas lições, tinha por maxima, que não devia passar hum só dia sem desenhar; maxima que passou como adagio muitos seculos: *Nulla dies sine linea*, e de que Du Fresnoy compoz o preceito 67 da Iua Arte Grafica. *Nulla dies abeat quin linea ducta supersit*. Os grandes Pintores, diz hum célebre auctor, assim como os grandes Poetas tem conseguido em todos os tempos a estimação, e a benevolencia dos Soberanos. Apelles as recebeu de Alexandre Magno, que o visitava muitas vezes,

e gostava da sua conversação , e das suas maneiras. Todos sabem a generosidade pouco vulgar , com que elle lhe cedeo a formosissima Campaspe , e que tanto por honrar estes e outros grandes homens , como por não profanar de alguma sorte a Magestade , ordenou , que só Apelles em Pintura , Lyffippo em relevo , e Pyrgoteles nas medalhas o podessem retratar.

*Liz.* He bem feito que não se profanem as pessoas respeitaveis , ainda que sejam mortaes com indignos retratos ; mas dar o privilegio exclusivo a hum só Artista em prejuizo de tantos que tambem são habeis , não me parece justo. Alguns modernos tem praticado quasi isso mesmo , mas com mais equidade , contentando-se de que a sua escolha seja a melhor , sem se embaraçarem com a dos mais.

O Imperador José II. na sua viagem de Roma , foi elle mesmo visitar Pompeo Battoni , para que o retrataffe. Quem ignora as honras ; e as extraordinarias liberalidades com que a Magestade do Senhor , Carlos III. entreteve na sua Corte a Antonio Rafael Mengs , por quem foi dignamente retratado , assim como S. A. R. a Serenissima Senhora D. Carlota Joaquina hoje Princesa do Brasil , e as mais pessoas da Real Familia ?

*Hon.* He certo que Mr. Cumberland , que lhe era tão pouco affeioado , como a toda a Nação Hespanhola , diz delle , na sua obra intitulada. „ *Acodotes of eminent Painters in Spain* , &c. depois de affirmar , que o presente seculo não dava áquelle Paiz Artistas tão célebres, como os do XVI. e XVII. „  
 „ Nem se deve attribuir a culpa  
 „ aos

„ aos Principes da Casa de Bour-  
 „ bon, se a despeza he á medida  
 „ dos talentos. O mais ardente  
 „ admirador de Mengs, deve con-  
 „ fessar que os seus, forão genero-  
 „ samente remunerados pelo pre-  
 „ sente Soberano, a cujo estipen-  
 „ dio, e emprego elle morreu. A  
 „ reputação deste Artista, foi alta  
 „ na Europa, e talvez a mais al-  
 „ ta, com tudo não achou confor-  
 „ to sólido em quanto não entrou  
 „ na Hespanha. Na Alemanha pin-  
 „ tava miniaturas, e para a Ingla-  
 „ terra só fazia cópias. Fugitivo  
 „ em Dresda, e mendigo (1) em  
 „ Ro-

---

(1) Mendigo, he termo exaggerado, e  
 alludido a que pela invasão da Saxonia, que  
 obrigou a Augusto III. Rei de Polonia, a  
 evacuar aquelle Eleitorado, perdêra Mengs a  
 pensão que tinha de Seu 1.º Pintor, e por  
 consequencia se vira obrigado a viver em  
 Roma do producto das obras que lhe en-  
 commendavão.

„ Roma , achou na Corte do Rei  
 „ Catholico , honras , e emolumen-  
 „ tos , e alli exercitou a Arte tão  
 „ respeitavelmente , como Ticiano  
 „ na Corte de Carlos V. , como  
 „ Coelho na de Philippe II. , ( 1 )  
 „ ou Velasques no tempo de Philip-  
 „ pe IV. „ E mais adiante depois  
 de criticar com bastante acrimonia  
 as suas obras , continúa. „ Com  
 „ tudo , Mengs he o Author que  
 „ o fanatismo da Corte levantou  
 „ em Hespanha tanto acima de to-  
 „ da

---

(1) Affonso Sanches Coelho , Portuguez ,  
 discipulo de Rafael. Philippe II. lhe chamava  
 o Ticiano Portuguez ; passava muitas vezes  
 por hum transito secreto a vê-lo pintar , e  
 punha-lhe a mão no hombro para que não  
 se levantasse. A sua casa , e meza , erão  
 frequentadas pelo Cardéal Grambellas ; pelos  
 Arcebispos de Toledo , e Sevilha ; por Dom  
 João de Austria , pelo Principe D. Carlos ,  
 e por muitos Titulos da Corte. Lope de  
 Vega , o celebra muito no seu Laurel de  
 Apollo.

„ da a comparação , que não o ad-  
 „ mirar , parece hum attentado con-  
 „ tra a Monarchia , e não o ado-  
 „ rar , hum crime contra a Reli-  
 „ gião. „

*Ang.* Sem irmos buscar exem-  
 plos ás Cortes Eſtrangeiras , nós  
 vimos aqui meſmo o Senhor Rei  
 D. Joſé fazer a acertada eſcolha  
 de hum célebre Eſtatuario para o  
 retratar na Eſtatua Equeſtre : obra  
 que elle tão felizmente executou ,  
 como tambem o Retrato de S. M.  
 com tanta arte , e delicadeza eſ-  
 culpido no marmore , que parece  
 prometter nos as doçuras da Paz ,  
 affiançados pelo Egregio Miniſtro  
 que o mandou eſculpir.

*Hon.* Mas tornando a Apelles.  
 Elle fez muitas obras excellentes ,  
 que ſe lhe pagavão , humas por  
 grandes ſommas , outras por huma  
 incrível profuſão de dinheiro deſ-  
 pen.

pendindo sem conta. Os seus melhores quadros forão o da Calumnia, e o da Venus, que elle imitou, dizem huns, de Campaspe, outros de Phirnea.

*Liz.* Foi verdadeira, ou he fabulosa a crítica feita por hum çapateiro a huma das suas obras?

*Hon.* He certo que Apelles emendou a sendalha que elle com muita razão havia criticado, mas vaidoso com isto, e passando nesçiamente a reprovar huma coxa da figura, o Pintor lhe respondeo: *Nesutor ultra crepidam* dito espi-rituoso, que passou depois em pro-verbio. Compôz tambem alguns livros sobre a faculdade os quaes existião no tempo de Plinio o Naturalista.

*Ang.* Difestes que este Pintor fo-ra incomparavel, principalmente na graça: que cousa he Graça? Expli-  
cai-

cai-me bem o verdadeiro sentido desta palavra.

*Hon.* Tambem eu, não o fabe-ria explicar, se não tivesse lido ha poucos dias pela terceira vez huma pequena, mas excellente obra escrita em Alemão intitulada: *Da Graça nas obras da Arte.* Como a confervo bem na memoria, vou pouco mais ou menos, repeti-la.

A Graça, he alguma cousa que sabe agradar ao espirito. A idéa desta palavra he muito extensa; pois que ella póde ser applicada a tudo o que sahe da mão do homem. A Graça he hum dom do **Ceo**, mas differente da belleza, porque ella não faz mais, que annunciar a disposição que tem os objectos para serem bellos. Fórma-se a Graça pela educação, e pela reflexão; e póde mesmo encorporar-se á natureza daquelle que pa-  
re-

rece feito para a possuir. Ella despreza toda a especie de affectação, e de contracção ; com tudo , he preciso ser muito diligente, e muito applicado para chegar a conhece-la nas producções da arte. Ella opéra na quietação, e na simplicidade da alma , porque o fogo das paixões, e da imaginação a obscurecem.

*Liz.* Façamos por ora pausa, porque nos chamão para a meza.

*Ang.* Este entretenimento he util, mas aquelle he indispensavel. Vamos, Senhor Honorato?

*Hon.* Vamos.



<http://biblioteca.ciarte.pt>